

CATADORES DE CARANGUEJO DO DELTA DO PARNAÍBA: HISTORIA E MEMÓRIA

Daniel Souza Braga
Graduando em historia, Bloco VII, UESPI.

RESUMO

Em nossa proposta de pesquisa objetivamos investigar as lutas cotidianas dos catadores de caranguejo de Ilha Grande, dialogar com as memórias socialmente compartilhadas desse grupo de trabalhadores estudando como viveram e vivem, como se deu o processo de transmissão educacional do ofício da cata artesanal do caranguejo, qual a visão identitária que esses grupos têm sobre eles mesmos no que se restringe a pescadores artesanais. Perceber os discursos e as percepções da sociedade sobre esse trabalho. Procuramos também entender as contradições sociais e econômicas desse trabalho percebendo a situações materiais desses homens a organização política e a consciência de classe, assim como os sistemas educativos informais que levaram anos para serem consolidados e que está ligada a vida e a memória coletiva desses catadores.

INTRODUÇÃO

O interesse pelo estudo dos catadores de caranguejo de Ilha Grande surge primeiramente devido o vínculo efetivo com esse lugar e essa gente. Cresci e me crie nos rios e igarapés, nas roças dos meus avos e, senti desde cedo os dramas dessa gente que extraem da natureza sua fonte de sustento, que tem que explorar as águas do Rio dos Tatus, que precisa entrar no mangue e colocar a mão na lama. O grande Josué de Castro no seu livro homens e caranguejo, onde revela o drama dos homens dos bairros pobres de Recife que trabalham nos mangues do Capibaribe afogados na lama. Assim dizia Josué

Esta é que foi minha Sorbonne: a lama dos mangues do Recife, fervilhando de caranguejos e povoada de seres humanos feitos de carne de caranguejo, pensando e sentindo como caranguejos. Seres anfíbio-habitantes da terra e da água, meio homens e meio bichos. Alimentados na infância com caldo de caranguejo: esse leite da lama. (Castro, 2010, p.10)

Assim como Josué, vejo que a minha “Sorbonne” foi nesses lugares de povo simples e trabalhador que tem que enfrentar dificuldades e desafios para conseguirem a pão do café da manha, esses homens não conseguindo o pão, consegue o leite da lama e são obrigados pela circunstancia material a virarem caranguejos. O homem tem que se

jogar na lama, se rastejar com um crustáceo, se emaranhando pelas raízes do mangue, procurando quem sabe, se enfiar em um loca na imensidão de lama que, se torna neste momento seu habitat.

Meu olhar quis se voltar a esse grupo de trabalhadores devido uma inquietação intelectual em descobrir como vivem como se relacionam e transmitem seu ofício as novas gerações. Quero entender também como qual a visão que a sociedade tem sobre estes profissionais e que visão eles tem de si mesmo. Como já dizia Le Goof (1992) povos sem lembrança correm o risco de não saberem quem são. Será que esses catadores de caranguejo sabem quem são? Será que sabem a importância que representam para economia da região? Será que eles sabem como se dar a exploração de seu trabalho? Será que o que recebem é o suficiente para fazer historia, ou o seu trabalho e força gasta nele compensa o que recebem em dinheiro? Essas algumas das indagações que faço para nortear o meu trabalho.

Segundo o IBAMA (artigos/2008), no Piauí existem cerca de 2.500 catadores de caranguejo. O desembarque do caranguejo-uçá representa 50% da produção pesqueira do Piauí. Mesmo trabalhado com a venda de um produto tão importante economicamente a renda media da maioria desses catadores não ultrapassa um salário mínimo. Quanto à escolaridade a grande maioria desses trabalhadores são analfabetos ou não completaram o ensino fundamental. Quanto ao caranguejo capturado, a maioria dos catadores afirma coletar de 40 a 80 caranguejos por dia. Só no município de Ilha Grande produz semanalmente 60 mil caranguejos para serem vendidos para empresários do Ceara. A extração do caranguejo é uma das atividades mais lucrativa e mais importante do estado do Piauí, todavia a maioria dos trabalhadores do ramo pesqueiro, mais precisamente os caranguejeiros, vive em situações miseráveis, vendendo sua força de trabalho por um salário de fome, com o isso alimentam a riqueza de empresários que cada dia estão mais abastados e poderosos.

O marxismo nos permitiu um estudo dos grupos marginalizados e a historia oral nos possibilitou debates como os gritos dos excluídos, com essas revoluções dentro das ciências humanas e sociais os catadores de caranguejos podem ser objetos de uma pesquisa. Sobre objetos e coisas teóricas assim dizia Pierre Bourdieu (1989. P.20) “O cume da arte, em ciências sócias, está sem duvida em ser-se capaz de pôr em jogo coisas teóricas muito importantes a respeito de objetos ditos empíricos muito precisos,

frequentemente menores na aparência, e até mesmo um pouco irrisórios”. O objeto pesquisado só torna-se grande na medida da grandeza da fundamentação teórica e dos métodos usados para dialogar com esse objeto, por isso acreditamos que podemos pesquisar sobre a história de vida dos catadores de caranguejo, compreender as relações sociais e econômicas que perpassam suas vidas, entendendo com isso os fatores que ocasionam sua exclusão social, auxiliando concomitantemente na reconstrução de sua identidade enquanto grupo e, no resgate da memória desse grupo de trabalhadores.

Somente com o resgate da memória e que podemos reconstruir a identidade que são os símbolos e signos de unificação dos grupos sociais e podem se libertar da escravidão do sistema. Através da história de vida de cada membro do grupo é possível captar tanto sua vida pessoal como os da sociedade mais ampla dentro de um limite temporal, assim como de seu grupo de trabalhadores do qual pertence. A história oral desempenha um papel importante no resgate dessas memórias. Como diz Ecléia Bosi “nossa sociedade despreza a oralidade em detrimento da escrita e das novas tecnologias, assim como os detentores da memória, os velhos, são silenciados pelo sistema que o despreza”(Bosi, 1994 p.66). Parte daí o interesse de resgatar uma parte das memórias coletiva dos catadores de caranguejo de Ilha Grande.

Karl Marx e Engels em sua obra prima a ideologia alemã, sendo esta uma obra clássica para todos os profissionais das ciências humanas, os dois autores já fazem uma exposição do materialismo histórico, e sobre uma possível ideologia dominante que determina a consciência:

O modo de produção da vida material determina o caráter geral dos processos da vida social, política e espiritual. Não é a consciência que determina a realidade objetiva, mas, ao contrário, a realidade social e que lhes determina a consciência. (Marx e Engels, 2005 p. 52)

O que determina a consciência dos trabalhadores caranguejos é a sua realidade objetiva. E a sua luta pela sobrevivência, e a simbiose do homem como o meio ambiente. Todos os dias, bem cedo, dezenas dessas pessoas banham-se em gasolina e carregando um punhado de brasa, que produz fumaça para espantar a grande quantidade de insetos existentes. Lá, permanece o dia todo mergulhadas e camufladas em meio às altas raízes e lama dos manguezais. No final do dia retornam com dezenas de cordas do crustáceo. São essas relações que constroem a suas consciências como profissionais,

com trabalhadores, as suas condições materiais determinam o que pensam e como pensam.

Será que esses caranguejeiros fazem historia? Marx nos lembra que o primeiro pressuposto de toda a existência humana e de toda historia, é que todos devem estar em condições de viver para fazer historia. Assim dizia os dois cavaleiros do materialismo histórico:

Mas, para viver, é preciso antes de tudo comer, ter moradia, vestir-se e algumas coisas mais. O primeiro fato histórico é, portanto, a produção de meios que permitam que haja a satisfação dessas necessidades, a produção da vida material, e de fato esse é um ato histórico, uma exigência fundamental de toda a historia, que tanto hoje como há milênios deve ser cumprido cotidianamente e a toda hora, para manter os homens com vida. (Marx e Engels, 2005 p. 54)

Muito interessante esse pensamento de Marx e Engels (2005) porque nos municia de varias indagações sobre quem faz historia. Os catadores de caranguejo estão fazendo em condições de ter e fazer sua historia, estão comendo bem, estão morando em lugares descentes, estão se vestindo com roupas adequadas? Como estão vivendo esses catadores de caranguejo é uma pergunta que era nos acompanha ate o final dessa jornada.

No seu livro Os costumes em comum, Tompson fala sobre os costumes e a cultura da classe operaria no século XVIII. Os costumes e a cultura da classe operaria sobrevivem a força do progresso e da agitada vida urbana. Costumes e cultura tem uma relação muito própria. A classe trabalhadora era obrigada a disciplinar o seu corpo ao trabalho e sustentar o lazer é o prazer dos mais afortunados. Pra que a sociedade seja feliz e povo tranqüilo era necessário que grande parte desse povo fosse ignorante e pobre. O aprendizado e a leitura eram perniciosos, o acesso a educação eram negados, por isso grande parte desses trabalhadores tinham que recorrer aos costumes (Thompson. 2005 p. 67). A transmissão oral era o veículo de repetição e difusão da cultura popular. Diante disso percebemos o quanto a historia oral é importante na apreensão da memória coletiva, dos costumes e da cultura dos trabalhadores que só lhes restam a oralidade e a lembrança.

METODOLOGIA

O desafio desse trabalho é de perceber a través da tradição oral as narrativas desses trabalhadores, tomando-as como expressões das experiências vividas, representativas dos modos de vida, por isso a história oral é, antes de tudo, um diálogo com entre os sujeitos históricos.

Como fala Le Goof a memória é um elemento essencial do que se costuma se chamar de identidade, individual e coletiva então somente com o resgate da memória é que podemos reconstituir a identidade, os signos e símbolos de unidade e unificação dos grupos sociais, povo destituídos de lembrança, correm o risco de não saberem quem são, assim fala Le Goof, sobre a importância da memória para os grupos sociais:

Mais a memória coletiva é não somente uma conquista é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social e, sobretudo oral ou que estão de via de construir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifesta da memória. (Le Goof 1992 p. 303)

Então como havia falado, para esses trabalhadores só lhes restam a memória. E o meu trabalho será metodologicamente efetivado a partir de entrevistas orais com os catadores de caranguejo, com o intuito de procurar reconstituir um passando para com entendermos o processo de exploração dos catadores de caranguejo do Delta do Parnaíba. Mas, diante da proposta de história oral existem muitas críticas a esse procedimento. Muitos estudiosos alegam se a história oral é fonte ou a própria história em si mesma, outros argumentam que a memória não é confiável como fonte histórica, visto que essa fica deteriorada devido a velhice e nostalgia da idade avançada. O e o caráter subjetivo desse trabalho, as tendências do pesquisador etc. esses são algumas questões levantadas. Alessandro Portelli não encara a história oral como um instrumento para se descobrir a verdade que esta escondida no passado, o que lhe interessa e as subjetividades dos narradores Não é, pois, o resgatar da fala dos dominados ou dominadores, o ineditismo, ou mesmo o preenchimento de lacunas, que lhe interessa, mas sim a **recuperação do vivido**, segundo a concepção de quem o viveu.

A forma como aquele passado afetou o entrevistado e que se deve levar em conta na hora da transcrição escrita. As novas formas de se fazer a história oral não levam em conta apenas entender a memória como uma fonte confiável e autêntica, e sim ser um instrumento de análise de processos subjetivos da memória e as relações entre

memória, narrativa e identidade. Historiadores como Portelli(2010) procuram utilizar o método das entrevistas para fazer uma abordagem mais ampla, que envolvem a compreensão das reminiscências e da identidade. A relação entre as imagens e o conteúdo das reminiscências tornou-se de extrema importância na análise e uso do testemunho oral. O historiador devido essas peculiaridades deve entender e conhecer o momento estudo por qual essas memórias se constituíram. Deve se possível recorrer às outras fontes como jornais, informativos, relatos etc. Ele precisa entender o que se passou nesse momento histórico para em seguida partir para as entrevistas, e com isso, fazer historia oral.

A presença do entrevistador não é uma interferência como sempre se pensou, só existe trabalho de pesquisa oral devido à sensibilidade e a competência de um bom historiador entrevistador. O entrevistador estar com seu entrevistado na sua frente, vai fazer um trabalho de historia, mais do que isso um trabalho de historia da subjetivada, a historia da memória. As fontes escritas não nos dão uma dimensão da subjetividade. Portanto, você pode não somente reconstruir aquilo que aconteceu, mas também o que significa aquele acontecimento depois do acontecido para seu entrevistado. Como esses fatos históricos são lembrados e guardados na memória dos catadores de caranguejo de Ilha Grande. Por que se tornaram caranguejeiro, quais são suas lutas, como era catar caranguejo há 30 anos, quais as diferenças do trabalho de hoje? Como aprendeu esse ofício quem o ensinou? São esses tipos de pergunta que vão permear o trabalho, tendo como luz os textos de Marx e Engels para que possamos entender os instrumentos de dominação.

Muitos catadores de caranguejos têm que sair de casa de manha, para enfrentar o duro trabalho do mangue. Pra isso precisam de uma estratégia de um plano. Por aonde vai? Quais instrumentos levar? Essas estratégias são sistemas educativos informais que levaram anos para se consolidarem e estão de forma direta ou indireta ligada a vida e as memórias dos catadores de caranguejo. Esses trabalhadores na sua interação com um meio ambiente hostil acabaram criando praticas, técnicas e significados que são comuns a todos esses catadores de caranguejo e são transmitidos oralmente de geração a geração. São essas técnicas sócio-educativas de seus trabalhos de catadores de caranguejo que o pesquisador historiador vai tentar reconstituir através das entrevistas. Por isso a empatia é uma qualidade essencial, assim como o aprender a

ouvir, a ter sensibilidade de escutar os sons das palavras, como também, os sons e se possível as cores, as texturas das lembranças desses trabalhadores.

RESULTADOS

Os catadores de caranguejo são profissionais do mangue, homens e mulheres que extraem da natureza os recursos essenciais para garantir sua sobrevivência. A extração é um fenômeno antigo que se manifesta desde o aparecimento do homem, na medida em que sempre usou a natureza como uma fonte de sustento e vida, a partir de um processo simbiótico entre o homem e o meio-ambiente harmonia e conflito, dois lados da mesma moeda quando falamos de extração. Esses catadores se enquadram na categoria de pescadores artesanais, que são os profissionais que usam mão-de-obra familiar, embarcações de pequeno porte, e instrumento artesanais de pouco impacto ambiental.

Esses profissionais são os atores principais desse trabalho de história que tenta desvendar as lutas, as angústias, os dramas, as alegrias, as lembranças desses homens que tem que acordar cedo, acender suas lamparinas se locomover com suas embarcações pelos rios dos tatus perpassando seus igarapés para assim adentrar em seu mundo de lama emaranhando de raízes de mangues tortuosas que dificultam a locomoção associada com a lama pesada que faz o corpo atolar dramaticamente, fazendo como que o “ ato de se arrastar” seja umas das praticas mais frequentes e comum. Só assim depois dessa luta do homem natureza, ao fim da tarde podem chegar com suas cordas de crustáceos depois dessa longa odisseia que se repete todo semana incansavelmente.

No corpo desses catadores já está gravado o diploma do trabalho pesado, das privações dos aranhões, por isso são carregados de sentidos sendo um documento vivo. A dimensão histórica e visto nos corpos cheio de cicatrizes e escoriações, arranhões. O esforço da pesquisa se dar na leitura desses corpos e de uma subjetividade que se formou da interação do homem com a natureza.

Esses trabalhadores relataram que desde criança as suas vidas estavam presas ao ciclo do caranguejo. Eles falavam sorridentes com muita sabedoria “filhos de gato, gatinho é”. Seus avos eram caranguejeiros (primeiro nome dado a esses

profissionais) e passaram o ofício para seus pais e, conseqüentemente aprenderam com eles a arte da cata do caranguejo. Os costumes, as tradições, a memória dessa atividade são passados de pai para filho, de geração para geração. O mesmo aconteceu com o Sr. Guajiru, que relatou ter aprendido

Eu aprendi com meu pai, meu pai sempre ia pra esse trabalhar e eu acompanhava, meu pai trabalhava de roça naquele tempo, meu pai sempre ia para esse trabalho e prestava atenção naquilo que ele fazia, então entrei no mangue e nesse tempo o caranguejo era fácil e da primeira vez eu peguei logo 15 corda, eu tinha doze anos naquela época, peguei essas 15 cordas e achei bom, e de lá pra cá trabalhei sempre no caranguejo.

A arte de catar caranguejo também é assimilada pela observação, talvez fruto das características dos indígenas na nossa sociedade, onde as crianças muito pequeninas observavam os adultos a pescar, cozinhar, confeccionar seus artefatos, etc.

A maioria dos catadores de caranguejos mais velhos são marcados pelo fenômeno do analfabetismo. Todos contam dos mesmos dramas com as letras, da iniciação interrompida devido a ânsia e a necessidade de trabalhar cedo, ajudar no orçamento parca da família. Muitos deles não sabem nem escrever o nome.

Nas décadas de 1960, eles relatam que nessa época o trabalho era mais desgastante e difícil, mais por outro lado existiam mais caranguejos. Sobre o sistema de trabalho e a rotina cotidiana relatam que acordavam cedo, faziam uma longa viagem de canoa, remando muitas vezes pegavam duas máres, adentravam no mangue frio de madrugada, pesando na lama gelada. Levavam apenas farinha no saco, e uma lamparina para espantar os mosquitos. Enfiavam-se na lama... Eles relatam também que na época só se usava um calção, e o corpo nu era o único e exclusivo instrumento de trabalho. Contorciam-se por entre as raízes e enfiavam os braços nas locas, procurando o tão precioso crustáceo. Esse trabalho iniciava às 6 horas da manhã e terminava às 18 horas da tarde. Segundo o relato desses homens, a volta era o trabalho mais difícil, assim dizia Sr. Julinho

Imagine voltar depois de um dia inteiro de trabalho, o corpo já tomado pelo cansaço, carregando uma barra de pau carregada de caranguejo. O trabalho fica mais cansativo na mare cheia, tudo cheio de água e lama grossa e profunda atingindo até a cintura necessitando de muito esforço até chegar à canoa.

Nas décadas de 60 e 70 foi a época em que os caranguejeiros mais velhos começaram seus trabalhos e estavam no vigor físico propício para um trabalho que

exige tanto esforço, alguns desses homens relataram que já pegaram de cem a cento e cinquenta cordas de caranguejo em único dia. A captura desse crustáceo naquela época não exigia muito esforço. Eles contam que quando começaram suas atividades profissionais era muito caranguejo para pouco catadores, os caranguejos eram maiores e de aspecto mais saudável. O ambiente de trabalho desses catadores é chamado de mangue. Os mangues é um bioma que tem uma importância vital para vida da costa marinha brasileira. O terreno lodoso, ou melhor a lama, é formada de sedimentos de origem marinha, restos de folhas, galhos, animais em decomposição. Isso torna o ambiente rico em matéria orgânica, o que acaba atraindo espécie de micro organismo e animais que usam aquela região para se alimentar e como refugio. Cerca de 70% das espécies de moluscos e crustáceos pescados comercialmente no litoral brasileiro tem relação direta com o s manguezais. Antigamente, segundo o relato desses catadores existia mais respeito pelo mangue. O numero de trabalhadores era menores e as técnicas utilizadas era menos agressivas com um impacto muito reduzido no meio-ambiente. Assim esses homens dizem em uma entrevista coletiva: “Rapaz, naquela época o caranguejo se escondia em buracos rasos, era muito fácil de pegar não exigia dor de cabeça. Hoje em dia o Delta está sendo sugado por um numero insustentável de catadores vindos de todo o canto dessa região nas proximidades dessa reserva. Gente das Canarias, Agua doce, Torto, Caiçara, Passarim”. Diante desse numero exorbitantes de catadores o mangue, esse bioma importantíssimo para manutenção da vida marinha, sofre. Esses catadores são ao mesmo tempo agentes da destruição e vitima, pois são obrigados a obedecer uma logica cruel que é a do mercado pesqueiro que não liga para a natureza. O caranguejo que como filhos da natureza , tem suas artimanhas sabias, acabam se escondendo em buracos cada vez mais tortuosos e profundos.

Esses trabalhadores do mangue pegavam suas cordas de caranguejo na costa e se dirigiam até o centro de Parnaíba. Naquela época as distancias pareciam ser maiores, tempo era experimentado pelos sentidos, “o tic-tac do relógio” era movido pela força da natureza, assim como o acesso a Parnaíba era muito complicado. Mesmo assim esses caranguejeiros levavam suas cordas de caranguejo ate a feira e assim vendiam o caranguejo. Quando o atravessador entrou em cena acabou desorganizando o comercio livre dos catadores que acabaram se voltando exclusivamente para o atravessador, limitando suas perspectivas econômicas.

Diante de varias tentativas malogradas de organização, e de tantos engodos de políticos que sempre discursavam pela classe, em 1999, um professor teve a ideia de criar uma cooperativa, essa iniciativa foi abraçada pelo SEBRAE. Houve o apoio do projeto por parte dessa instituição que deu um apoio moral e um suporte técnico a esses trabalhadores. Depois disso a cooperativa foi reconhecida como uma organização importante ganhou investimentos do governo tendo hoje sede própria, barcos etc.

O ápice da organização se deu em 2006 com organização do “festival do caranguejo”. Uma festa que tem o intuito de mostrar o trabalho desses trabalhadores assim como levar à população a cultura do caranguejo. Foi mostrada para o mundo a culinária dos caranguejeiros, pratos exóticos de caranguejo, músicas e apresentações culturais e diversas atrações que levam milhares de pessoas ao centro da cidade de Ilha Grande. E o caranguejeiro que passou de homem da lama para se transformar em figura pop.

CONCLUSÃO

A cata do caranguejo faz parte das memórias históricas-educativas desses trabalhadores, sendo assimilada pela observação e transmitida de pai para filho. A pesca artesanal corre o risco de ser proibida pelos órgãos e instituições ligadas ao governo e meio ambiente que analisam esse trabalho como um desperdício de esforço, visto que não contribuem com a economia nacional e nem sustentam economicamente os próprios pescadores. A pesca artesanal corre o risco de ser banida por isso militamos na ideia de que a cata do caranguejo seja um patrimônio cultural do delta do Parnaíba.

O que podemos observar e que a entrada do comerciante (atravessador) e da lógica de mercado do lucro, acabou de certa forma desmobilizando o potencial organizacional e político desses catadores de caranguejo ocasionando em uma situação de subserviência e dependência que durou até 2004, época da fundação da cooperativa dos catadores de caranguejo da Ilha Grande.

Muitos desses trabalhadores sentiam e sentem preconceito de seu próprio ofício, assim como a sociedade o rotulam como seres da lama, que rasteja que vivem como bichos, sendo estes o próprio caranguejo. Por isso acreditamos que esses trabalhadores vivem a margem, a margem não só da beira dos rios como também

academia, por isso acreditamos que mais trabalhos devem se voltar a esses grupos de pescadores artesanais.

PALAVRAS-CHAVES: memória, história, educação, identidade.

REFERENCIA BIBLIOGRÁFICAS

MARX, Karl e ENGELS, Fredrich. **A ideologia Alemã**. Tradução Frank Muller. São Paulo – SP: Martins Claret, 2005.

MARX, Karl. **Trabalho Assalariado e Capital e Salário, preço e lucro**. 2 e.d. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

Revista Historiar -Universidade Estadual Vale do Acaraú – v.4. n. 4 (jan./jun. 2011).Sobral-CE: UVA, 2010. ISSN 2176-3267 [www.uvanet.br/revistahistoriar]

BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade: Lembranças dos velhos**. 3ª e.d. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

<http://360graus.terra.com.br/ecoturismo/default.asp?did=5396&action=geral> Acesso 28/12/2011

<http://www.embrapa.br/imprensa/artigos/2008/o-perfil-socio-economico-dos-catadores-de-caranguejo-no-piauio-perfil-socioeconomico-dos-catadores-de-caranguejo-no-piau>
Acesso 28/12/2011

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão. 2º Ed. Campinas: UNICAMP, 1992.

BORDIEU, Pierre. **O poder Simbólico**. Tradução Fernando Tomas. Rio de Janeiro: DIEL, 1980.

THOMPSON, Edward. **Costumes em Comum: Estudos Sobre a Cultura Popular Tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

CASTRO, Josué de. **Homens e caranguejos**. -4ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

PAULO, João. **Entrevista** concedida a Daniel Souza Braga, fevereiro de 2012.

Entrevista coletiva com os catadores de caranguejo (Sr. Julinho, Abrão, Sr. Quajiru), concedida a Daniel Souza Braga, março de 2012.

PORTELLI, Alessandro. **A filosofia e os Fatos**: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. Rio de Janeiro: Tempo, 1994, p. 59-72.

SAVIANI, Dermeval; LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luís (orgs). **História da educação**: perspectivas para um intercâmbio internacional. Campinas: Autores Associados/HISTEDBR, 1998.

THOMPSON, Paul. A voz do passado. *Historia Oral*. Rio de Janeiro: Paz de Terra, 1992.